

Bety Orsini

orsini@oglobo.com.br

A vida da psicanalista Halina Grynberg não é apenas a história de uma polonesa que chegou ao Rio na infância, nem sobre sua família dilacerada pelo Holocausto, pelo exílio e pela loucura. Em sua casa, na Estrada das Canoas, onde vive desde 1984, em meio ao canto dos pássaros e a uma vegetação exuberante, Halina conta como transforma em arte as relações mais profundas que marcaram a sua vida. Do amor pela mãe nasceu "Mameloshn — Memórias em carne viva". Para o pai, escreveu "Carta a ninguém". Da união com o psiquiatra argentino Eduardo Kalina, surgiram dois livros; do casamento de oito anos com João Candido Portinari, a energia que resultou no Projeto Portinari; do amor para toda a vida com o músico Paulo Moura, a semente do Instituto que leva o nome do marido e o recém-lançado "Paulo Moura — Um solo brasileiro".

Halina é uma mulher visceral e não esconde a saudade do companheiro que morreu de câncer, ano passado, aos 77 anos. No casarão, onde vive rodeada de pôsteres, estatuas e fotos do compositor, arranjador, saxofonista e clarinetista brasileiro, ela mostra a força que a fez chegar, com um vigor impressionante, aos 63 anos. Conta que a mãe, Miriam, viu todos os irmãos serem mortos pelos alemães, que o pai era padreiro e que a família foi morar em Israel quando ela tinha menos de 2 anos:

— Ficamos lá de 1950 a 1952, numa cidadezinha perto de Tel Aviv, onde estavam sendo instaladas comunidades agrícolas. Até que meu pai e os irmãos resolveram imigrar. Como fomos impedidos de morar no Canadá, que barrou a entrada de imigrantes judeus, a família foi viver em Marselha, onde ficaram até se mudar para Paris, um ano depois.

O pai trabalhava clandestinamente como confeitiro. Naquela época, a mãe sofria de um distúrbio nervoso em consequência da guerra, diagnosticado como um quadro psicótico maníaco depressivo.

— Apesar de meu pai ser padreiro, não tínhamos o que comer. E por causa disso fui para o colégio interno, onde comia de graça — conta Halina.

A convite de um tio, que morava no Brasil, vieram para Madureira, no Rio. Nessa época, Halina tinha 6 anos, era alfabetizada em francês, e em casa só falava iídiche. Então, começou a aprender português.

— Foi um drama, já era a quinta língua que eu tinha que aprender: iídiche, polonês, hebraico, francês e português. Minha cabeça não aguentava mais aprender tanta coisa. E como acontece sempre nas famílias judaicas, também me ensinaram piano. A intenção era que eu casasse com um judeu rico. Para isso, tinha que ser boa aluna, tocar piano, ser virgem e bem-comportada.

Halina pede licença, afaga a cadela Rita Hayworth, de 13 anos, e mostra a "família pipoca", um clã de calopsitas, engatoladas, loucas por sexo.

— Elas adoram milho. E fazem sexo o dia inteiro. É impressionante — brinca.

E conta que aos 19 anos, já morando na Avenida Atlântica ("mas, de fundos") conheceu o primeiro marido. Namoraram seis anos, mas o casamento durou pouco mais de um ano.

— Foi um escândalo na comunidade judaica. Mas eu não podia continuar, não era a vida que eu escolhi — explica Halina, que, nessa época, cursava psicologia e fazia terapia. — Quando comecei a me perguntar o que queria da vida, percebi que aquele casamento não era o meu lugar.

Logo depois, ela conheceu um fotógrafo, com quem namorou quatro anos. Mais tarde, ficou noiva do psiquiatra Eduardo Kalina, para quem (e com quem) escreveu dois livros: "Aos pais de adolescentes" e "Viver sem drogas". Com o golpe militar na Argentina, Kalina teve que fugir, e o romance terminou. Foi então que Halina conheceu João Portinari, com quem foi casada oito anos.

— Da minha sugestão nas-

Fotos de Simone Marinho



HALINA GRYNBERG

combate a saudade

preservando a

memória de sua

grande paixão

ceu o Instituto Portinari, meu primeiro pé na compreensão da arte. Não importa que depois eu tenha sido trocada por uma mulher 18 anos mais jovem — brinca.

Ela ainda estava casada com João quando conheceu Paulo Moura na casa de Arthur Moreira Lima, onde costumava se hospedar. Ela sabia que "o príncipe negro" também estava hospedado na casa do pianista, mas só foi encontrá-lo, de madrugada, quando foi à cozinha beber água.

— Dei de cara com um crioulo enorme, sentado à mesa. Eu devia estar enrolada em qualquer coisa, talvez um lençol, uma toalha, porque adoro andar nua. Ele então me me olhou de maneira muito significativa, eu pedi desculpas e saí correndo. No dia seguinte teve um almoço e o Paulo ficou me olhando com aquela boca caída para o lado, um jeito que só ele tinha quando se interessava por alguma coisa. Ele me seguiu o almoço inteiro. E o Arthur falou: "Crioulo é f..., né? Quando vê louira perde logo a compostura" (risos). Eu não entendia como ele ousava me olhar daquela forma.

O príncipe negro esperou dois anos até a separação de Halina. Até então, tinham encontros amigáveis, troca de gentilezas, mas romance que é bom, neca.

— Naquele tempo eu apenas admirava o talento do Paulo. E pensava assim: casado, negro e pobre, o que esse homem quer comigo? Tempos depois, já separada, fui vê-lo num show na Sala Cecília Meireles. Paulo tocou maravilhosamente, fiquei comovida e, no final, fui cumprimentá-lo. Disse que queria lhe dar um abraço e, a partir daí, nunca mais saímos dos braços um do outro — conta a psicanalista, que viveu com o músico 26 anos.

Os olhos ficam marejados quando Halina desce ao primeiro andar da casa e mostra o estúdio onde o marido passava quase o dia inteiro. Ali, tudo continua intacto. Ela senta na soleira da janela e conta que a reação da família foi um horror quando souberam que ela estava namorando um negro.

— Achavam que eu estava louca. Papai já estava separado de minha mãe e tinha voltado para a Europa, mamãe fazia de conta que não entendia o que estava acontecendo. Mas como ela nunca me entendeu muito bem, ficou por isso mesmo. O Paulo ainda ficou casado com a ex durante algum tempo, mas eu era a mulher oficial. A esposa corria atrás dele para conseguir os direitos, foi barra pesada, ela era uma mulher de temperamento violento.

Mas foram as lembranças boas que ficaram para sempre.

— Gostávamos de ficar abraçadinhos e de fazer amor. Também adorávamos cinema, viajar e beber. Depois de um tempo, o Paulo começou a querer só vinhos e queijos estrangeiros, ficou muito exigente.

Então Halina começou a polir no companheiro o que até então era intuitivo. Escolhia a roupa, o figurino, moldava a imagem dele na mídia. Diz que não conseguia entender como um homem com o talento de Paulo podia viver na miséria, sem oportunidade para evoluir, sem ter um lugar para estudar, tendo que trabalhar em qualquer coisa.

— E assim fomos construindo juntos a carreira dele, apesar de nossas diferenças. Ele era paciente, tolerante e humilde, eu era impaciente, intolerante e arrogante. De vez em quando eu dava uns gritos, ele ficava tristíssimo, mas era capaz de perdoar e achar graça. No jogo social, ele fazia o papel de lorde, eu o da grã-fina. Mas tínhamos em comum a compreensão de que esse amor era para sempre. Paulo nunca, nunca, deixou de me amar. E eu sempre tive certeza desse amor como tenho de poucas coisas nessa vida. ■

Amor para toda a vida

Psicanalista Halina Grynberg lança livro com histórias do marido Paulo Moura



A COLEÇÃO de chapéus do músico decora a sala da casa na Estrada das Canoas. À direita, o pote com elefantes da sorte que Paulo colecionava



O MÚSICO com Domingos, o filho do casal, à esquerda. Acima, a jovem Halina